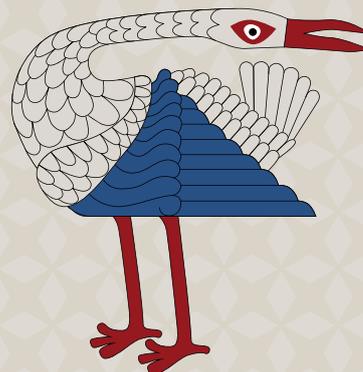
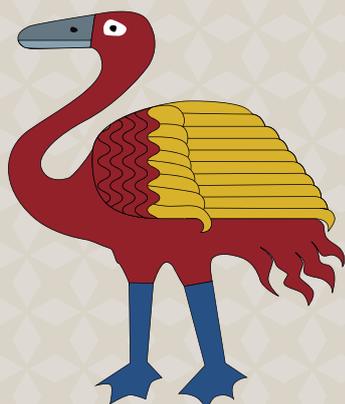
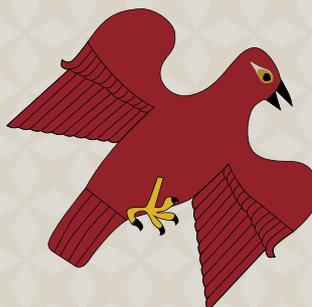
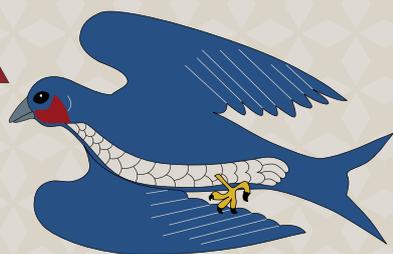
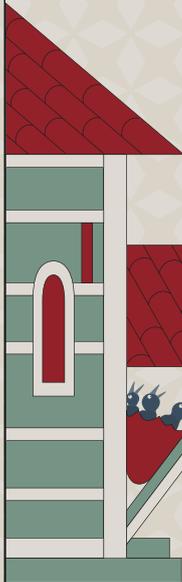


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Calianandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.

CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

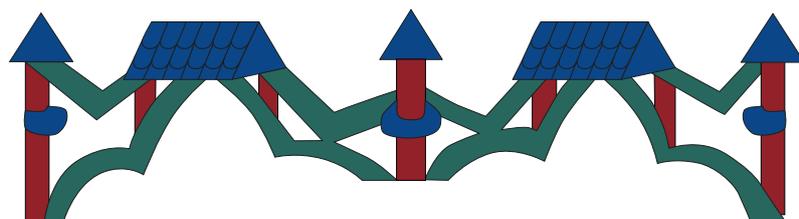
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  **10**
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  **33**
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  **51**
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  **62**
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

- 5** Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas*  75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa
- 6** Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB  86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade
- 7** *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História  101
Daniel Borges da Fonseca
- 8** *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas*  110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

- 9** *Flos Sanctorum*: atos e consequências  121
Luana Salazar Magalhães
- 10** Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum*  133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva
- 11** Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório*  144
Karina Cristina de Almeida Nicolau
- 12** Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório*  152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

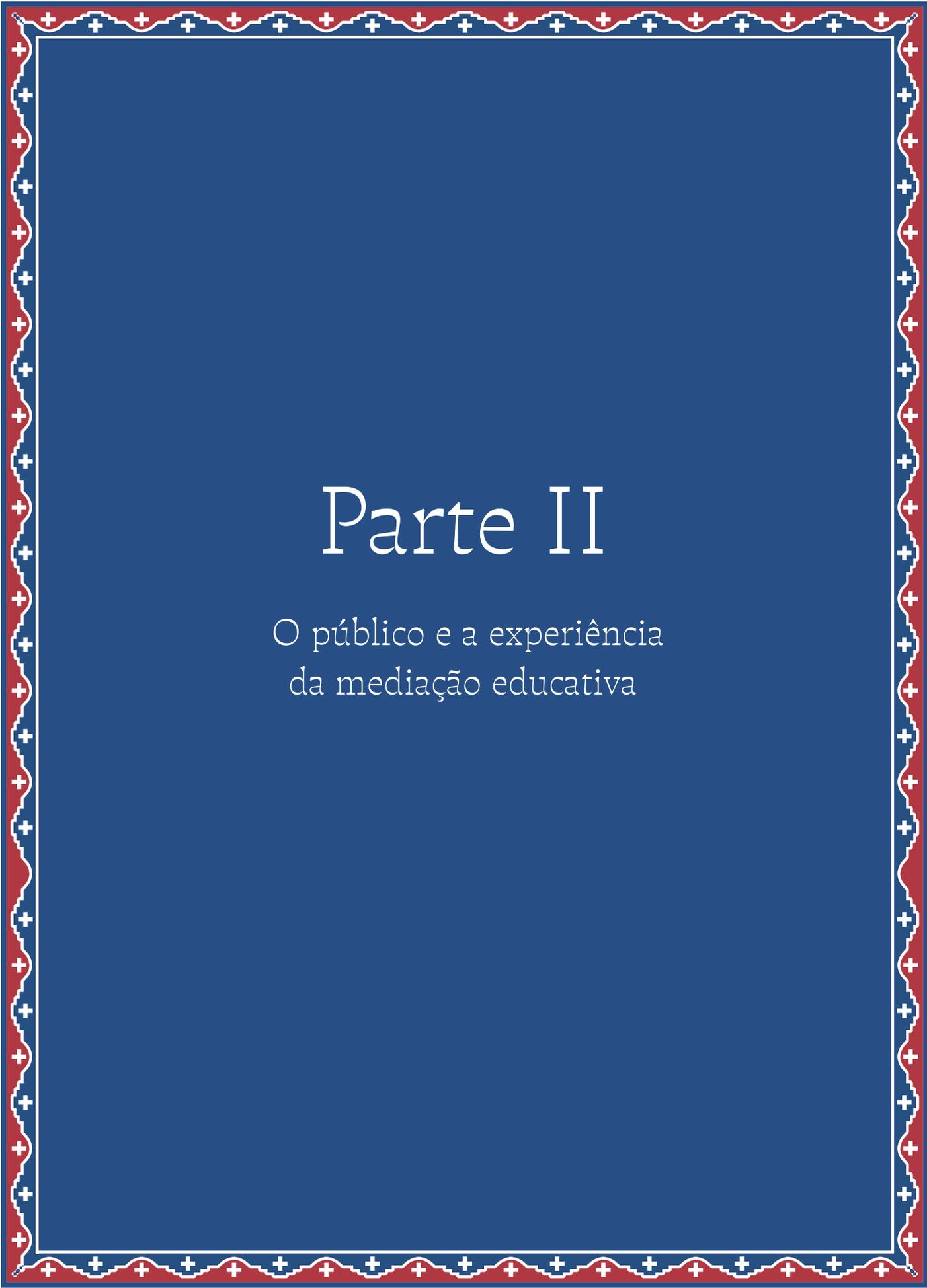
19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253



Parte II

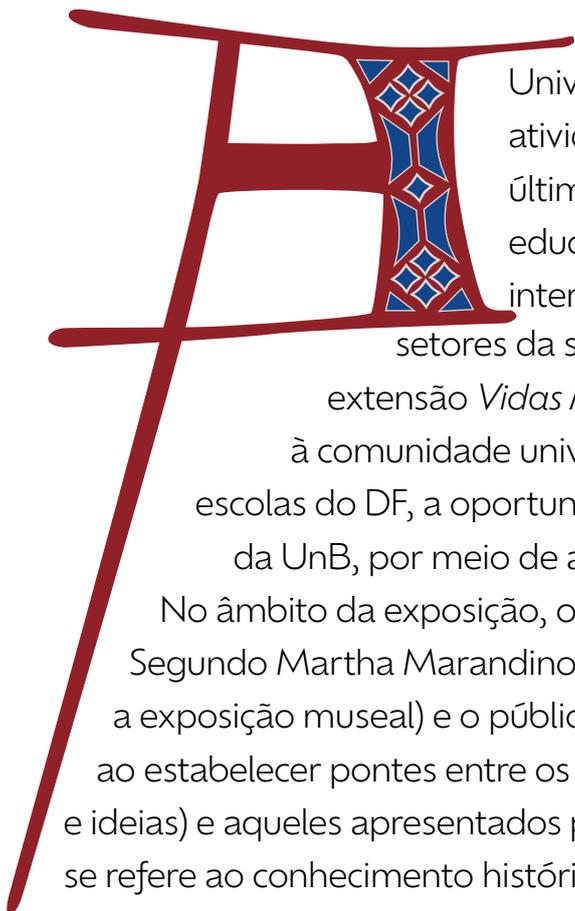
O público e a experiência
da mediação educativa

Capítulo 7

Vidas Manuscritas:
o processo de mediação
na perspectiva da História

DANIEL BORGES DA FONSECA*

*Licenciado em História pela Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: daniel1borgesfonseca@gmail.com



Universidade de Brasília (UnB) tem como pilar de suas atividades a pesquisa, a educação e a extensão. Essa última é definida como “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p.15). O projeto de extensão *Vidas Manuscritas* insere-se nesse contexto, propiciando à comunidade universitária e ao público em geral, principal mente às escolas do DF, a oportunidade de interagir com os pergaminhos medievais da UnB, por meio de abordagens linguísticas, históricas e museológicas. No âmbito da exposição, os mediadores assumiram importante papel.

Segundo Martha Marandino, o mediador é aquele que conecta o museu (ou a exposição museal) e o público, como decodificador das informações exibidas, ao estabelecer pontes entre os conhecimentos do visitante (conceitos, vivências e ideias) e aqueles apresentados pelo projeto (MARANDINO, 2008, p.20). No que se refere ao conhecimento histórico, as reflexões de Reinhart Koselleck (1985, p. 267-289) sobre espaço de experiência e horizonte de expectativa, e os apontamentos de Jörn Rüsen (BAROM; CERRI, 2012, p. 911-1008) sobre essas categorias, auxiliam na compreensão de como se construiu e desenvolveu a mediação na exposição *Vidas Manuscritas*.

Segundo Koselleck, o passado, o presente e o futuro possuem uma relação dialética. Para ele, a experiência é o “passado presente, em que os eventos foram incorporados e podem ser lembrados” (KOSELLECK, 1985, p. 272). Sua concepção de espaço é atravessada por diferentes temporalidades, sem, contudo, estabelecê-las de forma linear (KOSELLECK, 1985, p. 273). Já a expectativa é entendida como o “futuro presente, direciona para o não ainda, para o não experienciado, para aquilo que será revelado” (KOSELLECK, 1985, p. 272). Justamente por isso, ela é um horizonte, pois, assim como a linha que divide o céu da terra sempre se move quando nos aproximamos dela, o futuro é um novo espaço de experiência que vai se abrir, mas que ainda não se conhece, e que se desloca, sempre que nos aproximamos dele (KOSELLECK, 1985, p.273). Sendo assim, o presente é constituído pelas experiências passadas e as expectativas (como medos e esperanças, por exemplo) sobre o futuro.

Apesar de se relacionarem no presente, é necessário ressaltar que a experiência e a expectativa são diferentes. Embora o passado influencie o futuro, por interferir no presente, isso não significa que ele determina o futuro, já que este é composto pelo inesperado. Para Koselleck, é um erro deduzir expectativas inteiramente pelas experiências, como também é um erro pensar que seja possível ter uma expectativa sem qualquer elemento de experiência (KOSELLECK, 1985, p.274).

O movimento oposto, em que se parte da expectativa (futuro) para a experiência (passado), apresenta elementos semelhantes. Dessa forma, segundo Koselleck (1985, p.274-275), os eventos do passado ocorreram e findaram nessa temporalidade, mas as experiências relacionadas a tais eventos mudam ao longo do tempo, sendo possível que as novas expectativas entrem nessas experiências de forma retroativa, já que experiências se sobrepõem e se impregnam.

Por fim, o presente, com suas demandas, também pode afetar o passado e o futuro. Nesse sentido, Koselleck (1985, p. 284-285) defende que o presente pode partir de um conceito da experiência e atribui-lhe novo significado, de modo a abrir novas possibilidades de futuro.

Com base nessas categorias, Rüsen propõe que a consciência histórica é orientadora e constituidora da identidade humana, uma vez que todo ser humano conhece a história e é capaz de dar sentido ao tempo, conforme seus interesses (BAROM; CERRI, 2012, p.1001-1002). Ao tentar localizar-se socialmente/culturalmente, o indivíduo o faz por meio de temporalidades, seja como fruto das experiências que o definem como sujeito, ou como projeções de sua subjetividade para interpretar o mundo (BAROM; CERRI, 2012, p.1004). Tal relação com o passado, contudo, não é radical, no sentido de que o sujeito não está condicionado inteiramente pelas experiências do passado, nem o passado é construído conforme a própria vontade do sujeito (BAROM; CERRI, 2012, p.1003).

Partindo do que acima foi explicitado, Rüsen defende que a História e sua Teoria necessitam ter presente o que ele chama de Didática Histórica. Assim, ele considera a ciência, em especial a História, como algo que se faz na e com a sociedade e que tem, como uma de suas características, a orientação da vida prática do sujeito que, como mencionado, se orienta por meio de temporalidades (BAROM; CERRI, 2012, p.1001; 1003). O ensino de História (e, no caso aqui apresentado, a mediação em História) se estabelece a partir do diálogo entre a produção de sentido do indivíduo e a produção de sentido da ciência da história. Nessa relação, a História se localiza e se posiciona socialmente como potencialidade de orientação e, ao mesmo tempo, se reestrutura pelo pensamento histórico comum, presente na sociedade (BAROM; CERRI, 2012, p. 1002).

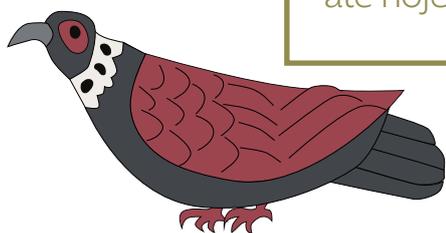
A partir dessa relação entre passado, presente e futuro, bem como do aspecto Didático da História, o mediador, durante a exposição, pôde estabelecer diversas pontes entre os manuscritos e os visitantes. Trabalhando principalmente com uma mediação denominada discussão-dirigida, em que o educador relaciona público e exposição a partir de questionamentos e debates (MARANDINO, 2008, p.23), o mediador estimulava o estabelecimento de relações entre os modelos de vida registrados nos manuscritos e os do presente.

Entre as diversas formas de estabelecer tais relações, o mediador, por exemplo, apresentava os modelos de vida retratados nas fontes e questionava os visitantes sobre as semelhanças e diferenças relativamente aos modelos atuais. Com base, por exemplo, nos conteúdos dos manuscritos que defendiam a virtude da vida monástica, especialmente no *Flos Sanctorum* e nos *Diálogos de São Gregório*, os mediadores tentavam incentivar os visitantes a refletirem sobre as suas vidas e seus modelos.

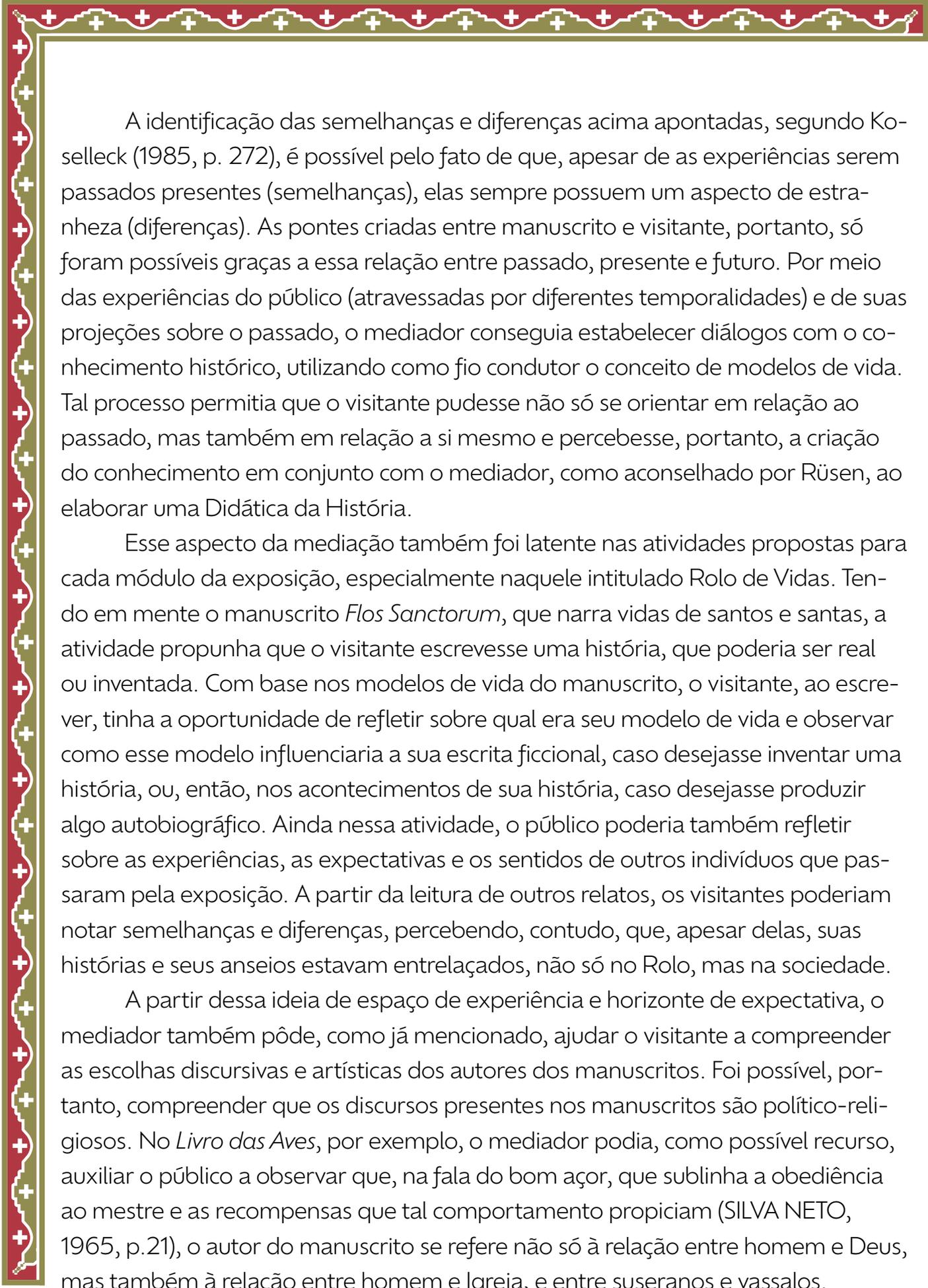
Outra abordagem desenvolvida pelos mediadores recorria à dinâmica inversa: questionar os visitantes sobre seus próprios modelos de vida, para, então, apresentar aqueles propostos nos documentos, com suas diferenças e semelhanças. Tal enfoque recorria a uma situação corriqueira, como as comparações que costumam ocorrer no seio familiar ao se usar o modo de vida de um determinado parente, valorado negativamente, como forma de exemplificar um comportamento a evitar para se proteger de um destino nefasto. A partir desse caso, o mediador explicava a definição de modelo e explorava os exemplos de vida presentes nos documentos.

Outra possibilidade interessante decorria da experiência dos visitantes que eram estudantes da UnB, aproveitando-se de seus conhecimentos científicos. Para além daqueles mais vinculados às áreas claramente ligadas aos conteúdos dos pergaminhos, registra-se a mediação realizada com uma estudante de Biologia, que possibilitou aprofundar aspectos da ilustração científica e da descrição taxonômica (sistema de classificação dos seres vivos), das iluminuras e da descrição dos animais que compunham os bestiários medievais, especialmente do Livro das Aves.

Ainda relativamente à intersecção entre presente e passado, os mediadores questionavam a visão do público sobre os modelos medievais, para, então, apresentarem a interpretação histórica e a sua duração ao longo do tempo – inclusive até hoje –, apontando conexões e especificidades.



Nesse sentido, a narrativa sobre o Monge e o Dragão, dos *Diálogos de São Gregório*, propiciava uma série de reflexões vinculadas ao mundo fantástico dos medievalismos. Partia-se do questionamento sobre a credulidade dos medievais e a existência real de dragões, ao que muitos visitantes respondiam afirmativamente, com base no senso comum sobre a Idade Média e em estereótipos que propagam a ignorância nesse período e a propensão a acreditar em criaturas sobrenaturais e fantásticas. Tal percepção oferecia ao mediador uma oportunidade para aprofundar a complexidade da relação entre o indivíduo medieval e o fantástico, o papel do dragão como recurso narrativo, bem como para denunciar a força do demônio, uma figura sobrenatural ainda hoje presente em diversas religiões. Dessa forma, a partir de uma determinada concepção dos visitantes sobre o passado, foi possível aprofundar conhecimentos relativos aos documentos, mas também as experiências individuais e coletivas do público.



A identificação das semelhanças e diferenças acima apontadas, segundo Koselleck (1985, p. 272), é possível pelo fato de que, apesar de as experiências serem passados presentes (semelhanças), elas sempre possuem um aspecto de estranheza (diferenças). As pontes criadas entre manuscrito e visitante, portanto, só foram possíveis graças a essa relação entre passado, presente e futuro. Por meio das experiências do público (atravessadas por diferentes temporalidades) e de suas projeções sobre o passado, o mediador conseguia estabelecer diálogos com o conhecimento histórico, utilizando como fio condutor o conceito de modelos de vida. Tal processo permitia que o visitante pudesse não só se orientar em relação ao passado, mas também em relação a si mesmo e percebesse, portanto, a criação do conhecimento em conjunto com o mediador, como aconselhado por Rüsen, ao elaborar uma Didática da História.

Esse aspecto da mediação também foi latente nas atividades propostas para cada módulo da exposição, especialmente naquele intitulado Rolo de Vidas. Tendo em mente o manuscrito *Flos Sanctorum*, que narra vidas de santos e santas, a atividade propunha que o visitante escrevesse uma história, que poderia ser real ou inventada. Com base nos modelos de vida do manuscrito, o visitante, ao escrever, tinha a oportunidade de refletir sobre qual era seu modelo de vida e observar como esse modelo influenciaria a sua escrita ficcional, caso desejasse inventar uma história, ou, então, nos acontecimentos de sua história, caso desejasse produzir algo autobiográfico. Ainda nessa atividade, o público poderia também refletir sobre as experiências, as expectativas e os sentidos de outros indivíduos que passaram pela exposição. A partir da leitura de outros relatos, os visitantes poderiam notar semelhanças e diferenças, percebendo, contudo, que, apesar delas, suas histórias e seus anseios estavam entrelaçados, não só no Rolo, mas na sociedade.

A partir dessa ideia de espaço de experiência e horizonte de expectativa, o mediador também pôde, como já mencionado, ajudar o visitante a compreender as escolhas discursivas e artísticas dos autores dos manuscritos. Foi possível, portanto, compreender que os discursos presentes nos manuscritos são político-religiosos. No *Livro das Aves*, por exemplo, o mediador podia, como possível recurso, auxiliar o público a observar que, na fala do bom açor, que sublinha a obediência ao mestre e as recompensas que tal comportamento propiciam (SILVA NETO, 1965, p.21), o autor do manuscrito se refere não só à relação entre homem e Deus, mas também à relação entre homem e Igreja, e entre suseranos e vassalos.

Tal discussão permitia ao mediador aprofundar com os visitantes o motivo pelo qual a elaboração desses modelos de vida se assentava fortemente em concepções religiosas. Trabalhando com o conceito de expectativa, foi possível destacar o papel da Salvação como horizonte a ser alcançado pelos cristãos como recompensa da fidelidade a determinado modelo de vida. Nesse momento, o mediador, para realizar uma ponte entre o documento e os visitantes, poderia questionar quais expectativas estes tinham em relação ao futuro.

A respeito das escolhas discursivas, as atividades desenvolvidas no módulo *Vidas à Sorte* possibilitaram compreender melhor as estratégias narrativas dos *Diálogos de São Gregório*. Nesse módulo, os visitantes rolavam três dados: o primeiro continha, em cada face, personagens retirados das narrativas, o segundo possuía acontecimentos e o último, objetos. Os elementos dessas três categorias foram retirados dos documentos e, após a rolagem dos dados, os visitantes deveriam criar uma história com os elementos das faces sorteadas, a qual poderia ser escrita, apresentada na forma de peça teatral, desenvolvida em música, entre outras possibilidades. O papel da mediação era ressaltar que, com elementos extraídos do texto, era possível criar uma narrativa diferente, mas sem deixar de notar as lógicas em que se apoiavam as narrativas novas, em termos da autoria individual e coletiva.

Ainda nesse âmbito de escolhas discursivas, o mediador teve a possibilidade de ressaltar os critérios artísticos na iluminura dos *Diálogos de São Gregório* e, especialmente, no *Livro das Aves*. Dessa maneira, o mediador recorreu às concepções dos visitantes, que muitas vezes achavam as iluminuras simples e fora dos padrões acadêmicos da arte, para chamar a atenção para as especificidades históricas que envolvem linguagens e escolhas estéticas. A partir disso, o mediador pode explicar que se tratava de escolhas conscientes, marcadas pelo espaço de experiência, que tinha como foco a transmissão/a iluminação da mensagem do texto, que, por sua vez, tinha um horizonte de expectativa, como já referido.

Entre as possíveis formas de desenvolver a atividade Aves e Penas, pensada para o módulo do *Livro das Aves*, o mediador podia sublinhar as escolhas artísticas. O público da exposição tinha a possibilidade de replicar as iluminuras dos pergaminhos, a partir de moldes pré-fabricados, ou, então, criar sua própria gravura, por meio de moldes de espuma, com desenhos a lápis de cor, ou pela combinação dos dois elementos. Ressaltava-se, na mediação, as escolhas de cor, de forma, de técnica, demonstrando como o modelo de vida pessoal as influenciaram e traçando, ainda, um paralelo com as escolhas e modelos do iluminador do manuscrito. Dessa forma, no fazer, o mediador, juntamente com o público, construía o conhecimento não só do passado, mas de todos os envolvidos na atividade.

Tornou-se fundamental que os mediadores explorassem todos os aspectos, sobre as experiências e expectativas de quem produziu o manuscrito e as dinâmicas que envolveram a sua transmissão ao longo do tempo. Sem a mediação, corria-se o risco de que os manuscritos, por exemplo, fossem interpretados por um viés estritamente religioso. Nesse caso, a exposição, ao invés de promover reflexão, assumiria um caráter doutrinário religioso, algo que iria contra a proposta do projeto, que, apesar de tratar de temáticas religiosas, busca observá-las como objetos de pesquisa, numa perspectiva laica. Outro problema, já mencionado, seria, por exemplo, a possível perpetuação do estereótipo da Idade Média como um período de ignorância, em que o público, sem entender as escolhas que orientaram a escrita e a imagética desses manuscritos, tendesse a caracterizar a época como de trevas, atrasada e cega pela religião.

O papel dos mediadores, portanto, foi central para que a exposição tivesse um caráter de extensão. Eles, por meio de diversas estratégias, permitiram que os visitantes pudessem não só conhecer os manuscritos medievais da UnB e o que eles apresentam a respeito da época em foram produzidos, mas também entrassem em contato consigo mesmos e com suas próprias histórias.

Neste capítulo, procurou-se demonstrar como a reflexão teórica, por meio do que Koselleck define como espaço de experiência e horizonte de expectativa e dos apontamentos que Jörn Rüsen faz dessas categorias, foi importante para compreender o processo da mediação em perspectiva histórica. A partir disso, foi possível entender como se deu o diálogo entre o conhecimento científico e conhecimento produzido pelo público.

Referências

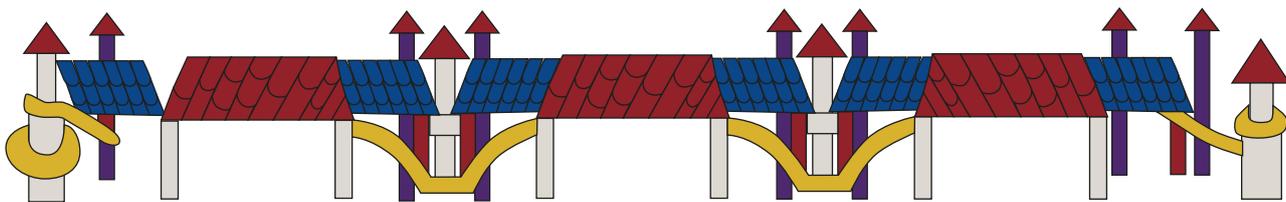
BAROM, Willian C. C.; CERRI, Luís Fernando. A Teoria da História de Jörn Rüsen entre a Modernidade e a Pós-modernidade: uma contribuição à didática da história. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v. 37, n. 3, p. 991-1008, set./dez. 2012.

FORPROEX. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus, 2012. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>
_ Acesso em: 7 jan 2024.

KOSELLECK, Reinhart. *Futures Past :On the Semantics of Historical Time*. Cambridge: The MIT Press, 1985.

MARANDINO, Martha (org.). *Educação em museus: a mediação em foco*. São Paulo: Geenf -Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciência, 2008.

SILVA NETO, Serafim da. *Dicionário da Língua Portuguesa Textos e Vocabulários 4: Livro das Aves*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.



Libro das Aves

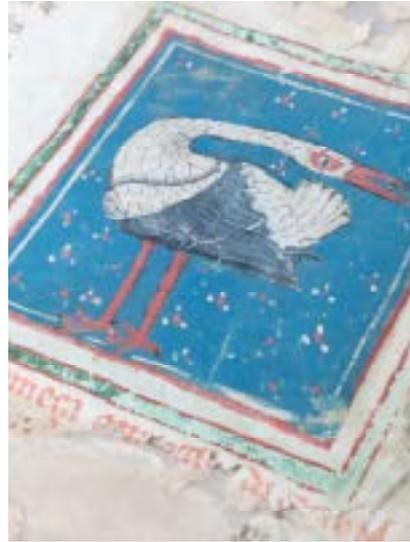
REGISTRO FOTOGRÁFICO



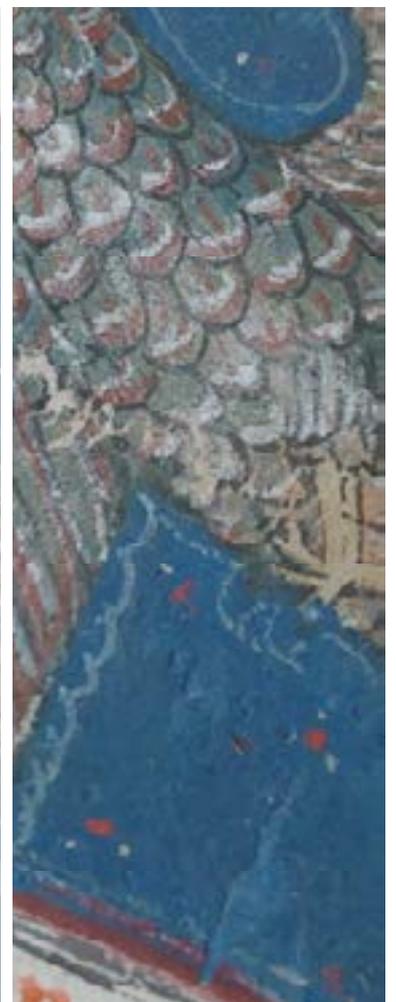
Tratados do Açor



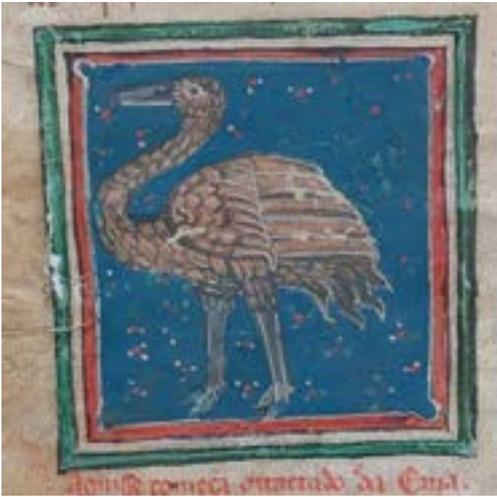
Tratado da Cegonha



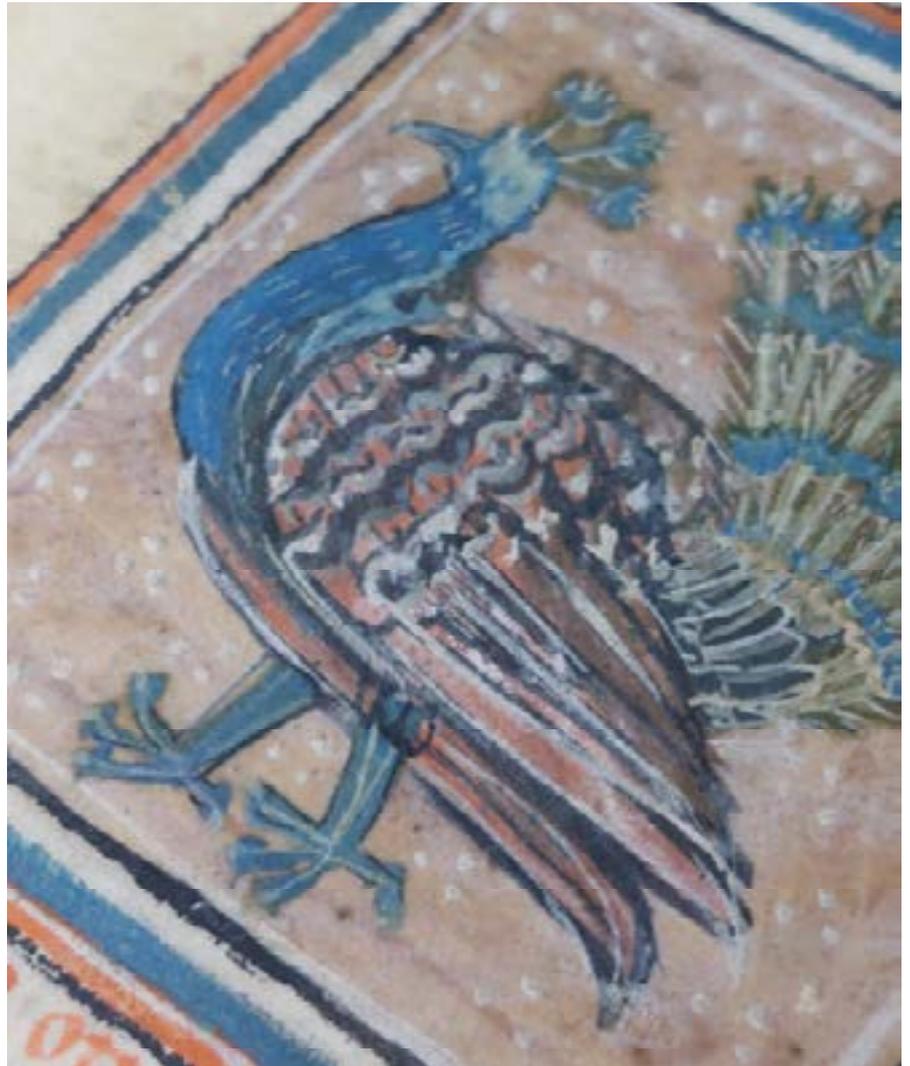
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



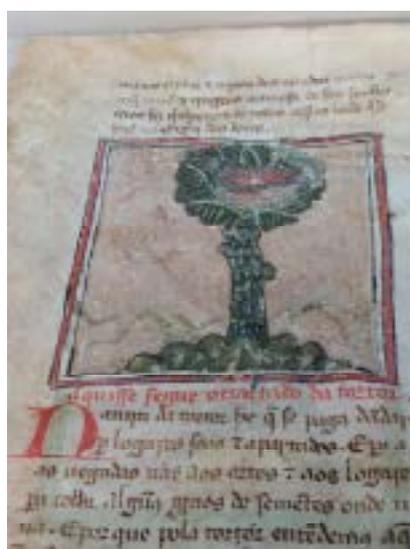
Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' falg
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



Vidas Fotografadas





Histórias dos Diálogos de São Gregório

Os textos dos Diálogos de Gregório são uma obra de grande importância cultural e histórica, que apresenta a vida e o pensamento de um dos maiores escritores da Idade Média. Este livro oferece uma leitura acessível e atualizada da obra de Gregório, permitindo que o leitor conheça a vida e o pensamento do autor de forma clara e objetiva.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE




EXPOSIÇÃO

Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h




OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas




Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas




Visas Danuscritas "O FUTURO SEPARADO É FEMININO"



Femininas



as Danuscritas




Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

